

Sarney, bom cabo eleitoral

ESTELA LANDIM
Da Editoria de Política

O grande vencedor das próximas eleições de 15 de novembro será o presidente José Sarney. Ao contrário do que aconteceu nas eleições para prefeitos no ano passado, quando o seu candidato na sua cidade de São Luís, deputado Jaime Santana (PFL), foi derrotado por Gardênia Gonçalves (PDS), a realidade hoje é bastante diferente. O que se vê agora é um Sarney que arrasta multidões por onde passa e que será disputado pelos candidatos na cata dos votos nas próximas eleições. Todos eles não têm dúvida de que Sarney é o maior cabo eleitoral da Nova República.

O Presidente já admitiu que poderá subir em palanques com os candidatos da Aliança Democrática. Para o seu filho, o deputado **Zequinha**, ele precisa fazer isso para que não se repita o quadro registrado nas eleições para prefeitos. Ulysses Guimarães, o presidente do PMDB e o grande homem das campanhas das diretas em 84, também quer o Presidente nos palanques. Até mesmo os candidatos que sempre disseram ter uma posição de esquerda, hoje saem do Palácio do Planalto pedindo o apoio de Sarney.

Para quem era o presidente do PDS e foi engolido com muito

esforço pela oposição ao integrar a chapa com Tancredo Neves, a cotação de Sarney junto à população subiu mais do que qualquer estouro na Bolsa de Valores. Se há alguns meses ele já era aplaudido por onde passava, depois do Programa de Estabilização Econômica o povo manifesta o seu apoio através de ações. Poucos minutos depois que Sarney anunciou pela televisão o programa econômico no último dia 28, começaram a surgir pela cidade os "fiscais do Sarney", exibindo broches e denunciando remarçadores.

Na sua última viagem, que o levou de volta ao Maranhão, o Presidente parecia demonstrar que também estava surpreso com as manifestações da população. Em Açailândia, uma pequena cidade na região tocantina, a 70 quilômetros de Imperatriz, o ônibus que conduzia o Presidente e sua comitiva não deveria parar. Não teve outro jeito. Uma multidão fechou a estrada e, de dentro do ônibus, Sarney foi obrigado a improvisar um pequeno discurso, utilizando um microfone que apareceu como por encanto. O ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, diria depois ter ficado impressionado com a manifestação, principalmente ao ver toda aquela multidão erguendo nas mãos tabelas de preços.

As 100 mil tabelas haviam si-

do distribuídas pelo presidente do PMDB de Imperatriz, Onofre Correa, que tem pretensão de ser vice-governador do Maranhão e mandou imprimir nas tabelas também o seu nome. Mas para o ministro Pazzianotto, esse fato não tirava o brilho da festa e ele até aprovou que outros políticos façam o mesmo.

O Maranhão não foge à dura realidade do restante do País, onde não é preciso sair da capital para constatar a miséria do povo. No trecho de 516 quilômetros, por onde passou o trem levando o presidente Sarney, a miséria é absoluta. Em cada parada ou mesmo ao longo da estrada, homens, mulheres, e crianças descalças e subnutridas também queriam ver o Presidente.

Nas faixas e cartazes improvisados, esse povo pedia até mesmo "progresso". Protegendo-se do sol forte com folhas de babacu, estendiam os braços para o Presidente como se ele fosse a única esperança de uma vida melhor. Sarney, com um terno jaquetão azul marinho, num calor que atingia até 40 graus, retribuía o carinho do povo fazendo questão de descer do trem e apertar uma a uma as centenas de mãos estendidas. Mesmo que para isso tivesse que sair respingado da lama provocada pela chuva que caíra na noite anterior.